

O DISPOSITIVO DAS RODAS DE ESCUTA NO TRABALHO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

EL DISPOSITIVO DE LOS CÍRCULOS DE ESCUCHA EN EL TRABAJO DE EDUCACIÓN INFANTIL

THE LISTENING CIRCLES DEVICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION WORK



Maria Eduarda T. B. de O. FARIAS¹
e-mail: m.eduarda.tenorio87@gmail.com



Luisa P. COMERLATO²
e-mail: luisapellegrinicomerlato@gmail.com



Andrea Gabriela FERRARI³
e-mail: andrea.ferrari@ufrgs.br

Como referenciar este artigo:

FARIAS, M. E. T. B de O.; COMERLATO, L. P.; FERRARI, A. G. O dispositivo das rodas de escuta no trabalho de educação infantil. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 9, n. esp. 1, e024002, 2024. e-ISSN: 2177-5060. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v9iesp.1.19392>



| **Submetido em:** 20/12/2023

| **Revisões requeridas em:** 09/01/2024

| **Aprovado em:** 20/01/2024

| **Publicado em:** 12/07/2024

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da UFRGS. Integrante do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs).

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Psicóloga e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da UFRGS. Integrante do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs).

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (IPSSCH / UFRGS); Co-coordenadora do Núcleo de Estudo em Psicanálise e Infâncias (NEPIs).

RESUMO: As educadoras desempenham um papel significativo na constituição da subjetividade e no desenvolvimento infantil. Contudo, a literatura aponta a carência da atenção voltada a essas profissionais ao considerar a relevância do seu papel no cuidado e educação de crianças. Por isso, o presente artigo tem como objetivo debater o dispositivo de rodas de escuta na prática com educadoras de uma escola de educação infantil a partir de um projeto de pesquisa-extensão. Como metodologia assumiu-se uma revisão narrativa de literatura que permitiu a discussão a respeito dos atravessamentos do trabalho com a educação infantil. As rodas de escuta sustentadas pela psicanálise, constituíram-se como um dispositivo potente de circulação da palavra e para a emergência de relações de alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Rodas de escuta. Educadoras. Dispositivos Clínicos.

RESUMEN: *Las educadoras desempeñan un papel significativo en la constitución de la subjetividad y el desarrollo infantil. Sin embargo, la literatura señala la falta de atención que se les da a estas profesionales al considerar la relevancia de su papel en el cuidado y la educación de los niños. Por ello, el presente artículo tiene como objetivo debatir el dispositivo de ruedas de escucha en la práctica con educadoras de una escuela de educación infantil a partir de un proyecto de investigación-extensión. Como metodología se asumió una revisión narrativa de la literatura que permitió la discusión sobre los cruces del trabajo con la educación infantil. Las ruedas de escucha sostenidas por el psicoanálisis se constituyeron como un dispositivo potente para la circulación de la palabra y para la emergencia de relaciones de alteridad.*

PALABRAS CLAVE: *Ruedas de escucha. Educadoras. Dispositivos Clínicos.*

ABSTRACT: *Educators play a significant role in the constitution of subjectivity and child development. However, the literature points to the lack of attention given to these professionals when considering the relevance of their role in the care and education of children. Therefore, the present article aims to discuss the device of listening circles in practice with preschool educators from a research-extension project. As a methodology, a narrative literature review was assumed, which allowed the discussion about the crossovers of work between early childhood education. The listening wheels sustained by psychoanalysis constituted a powerful device for the circulation of the word and for the emergence of relations of alterity.*

KEYWORDS: *Listening circles. Educators. Clinical tools.*

Introdução

O presente artigo tem como objetivo debater o dispositivo de rodas de escuta na prática com educadoras⁴ de uma escola de educação infantil. Esse escrito nasce da experiência da primeira autora em um projeto de extensão intitulado “Acompanhamento a educadoras de berçário - atuando na interface entre saúde mental e educação”, o qual compõe também seu percurso de mestrado. O projeto em questão foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tem como propósito refletir o entrelaçamento do cotidiano em sala de aula e a saúde mental do bebê e da educadora no contexto escolar de educação infantil. Para tal, foram realizados ao longo do ano de 2023, em parceria com uma escola⁵ conveniada ao município de Porto Alegre, acompanhamentos semanais dos bebês de 04 a 24 meses e das suas educadoras. Além disso, havia rodas de escuta mensais com as profissionais da educação infantil da mesma instituição, as quais foram conduzidas pela primeira autora desse artigo em conjunto com outra mestranda.

Baseada nessa experiência, várias indagações surgiram com relação às implicações do trabalho com as crianças. Entre elas, a destituição do saber do professor que corrobora para a naturalização de um trabalho de terceirização do cuidado, bem como no lugar que a escola ocupa na comunidade, resultando, por vezes, no desentendimento da posição que se espera da educação entre a família e a instituição escolar. Essas indagações produziram reflexões a respeito do papel da psicanálise diante das queixas das educadoras e da complexidade no estabelecimento de bordas para sua atuação com crianças e suas famílias.

A experiência de escuta das educadoras desdobrou-se em questionamentos que impulsionaram a elaboração desse escrito enquanto um modo de pensar a metodologia utilizada nos encontros: as rodas de escuta. Recorremos à conceitualização das autoras Moura e Giannella (2016) para a utilização do termo, que o definem como um dispositivo eficaz para o exercício da escuta plena. O interesse recai em considerar as particularidades de um trabalho no ambiente da educação e no modo como ocorre as possibilidades de circulação da palavra.

⁴ Para este escrito, utilizaremos o termo “educadoras” para designar as profissionais que se dedicam ao cuidado e educação de crianças no âmbito da educação infantil. Essa escolha se deu pela participação exclusiva de mulheres nas Rodas de Escuta, visto que foi realizada em uma escola que possuía apenas mulheres como profissionais de educação.

⁵ O projeto de extensão foi realizado numa escola que fica em uma região periférica da cidade de Porto Alegre e faz fronteira com outro município da região metropolitana. Os alunos são encaminhados através da Secretaria Municipal Educação (SMED), pois a instituição faz parte da rede de parceirizadas do município. A maioria das crianças matriculadas residem na comunidade na qual a escola está inserida, situação que é compartilhada por algumas educadoras.

O reconhecimento da potência desse ato está sustentado na teoria psicanalítica, em uma implicação ética que aponta para a escuta do sujeito (Dunker; Thebas; 2021). Dessa forma, reconheceu-se como importante a construção de um espaço que permitisse o exercício da associação livre das educadoras, no qual elas também pudessem estar em um espaço coletivo de compartilhamento. Foi nesse percurso que as rodas de escuta surgiram, como um dispositivo capaz de ser inserido no contexto da escola estando, concomitantemente, ancorado em uma escuta psicanalítica. Ao longo do artigo, é exposto o percurso de construção teórica desse espaço e discute-se alguns questionamentos que surgiram dessa experiência.

Para tal, será realizado um percurso inicial acerca de especificidades da educação infantil na conjuntura brasileira. Esse panorama permite aprofundar os modos de produção do mal-estar docente nesse contexto. Ou seja, há particularidades na vivência das educadoras que trabalham nesse escopo de atuação que complexificam as relações e atravessam a saúde mental. Em especial, considerando a intersecção entre as funções de educar e de cuidar, o que promove uma reflexão sobre as peculiaridades que sustentam esse fazer, isto é, um estado de trânsito constante entre as duas posições.

Na continuidade do escrito, há a narrativa da busca por escutar os modos como as educadoras acompanhadas atuam em meio a essa complexidade. Além disso, as rodas de escuta são apresentadas em sua potência de criar aberturas para que, através do compartilhamento da fala, outros modos de encaminhamento do mal-estar possam surgir.

Sobre o trabalho com a educação infantil

A origem do trabalho com a educação infantil no Brasil se deu através dos traços expressivos da colonialidade no cuidado com as crianças, evidenciado o modo como a sociedade enxergava as crianças a partir de aspectos socioeconômicos e raciais (Guimarães, 2017). De acordo com a autora, se por um lado as crianças brancas eram fruto de investimento de formação e cuidado, as crianças pobres e negras eram colocadas em posição de exploração semelhante à de adultos escravizados e, por isso, para elas o atendimento educacional era inexistente.

Iniciada com um caráter higienista e assistencialista, a educação infantil passou a ser interpretada como direito das crianças a partir da Constituição Federal de 1988. Somada ao surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação infantil foi atravessada por regulamentações que buscam assegurar o acesso à escolarização e ao desenvolvimento pleno do bem-estar infantil (Arrosi *et al.*, 2022; Carvalho, 2020; Ferrari *et al.*, 2022; Guimarães,

2017). Dessa forma, a escolarização brasileira assume um caráter pedagógico, cujas funções do cuidado e educação integram-se, e o desenvolvimento e a aprendizagem infantil consolidam-se correlativamente.

Neste sentido, discussões a respeito do trabalho junto às crianças, bem como das práticas exercidas no ambiente creche/escola e do papel que as educadoras ocupam no desenvolvimento infantil, se mostram fundamentais para a compreensão das especificidades da docência na educação infantil.

Gnatta *et al.* (2020), em um escrito a respeito da atuação do educador nas creches, pontuam a relevância do trabalho nas funções de cuidado e educação no berçário como produtor de marcas subjetivas e na constituição de um sujeito desejante. Assim, atribuem seu fazer à similaridade da função materna, uma vez que, após a reformulação das diretrizes da educação infantil, seu trabalho não se limita ao exercício de cuidados físicos e cognitivos. Isto é, o espaço escolar atua na direção de um desenvolvimento integrado do sujeito. Apesar da semelhança ao desempenho das funções maternas e paternas, a das educadoras se diferencia por fortalecer o lugar ocupado pelo outro, em direção ao não rompimento antecipatório da relação parental-bebê (Kupfer; Lerner, 2014). Não se trata, portanto, da substituição das funções parentais, mas de uma prática diferenciada do âmbito familiar que desempenha o cuidado na inserção de um espaço comum.

Aqui, cabe destacar uma característica importante que distingue as relações educadora-bebê e parental-bebê. Ainda que não exerçam a função parental, as educadoras ocupam um lugar nas categorias de outros que inserem o sujeito na linguagem e no campo do simbólico (Kupfer; Lerner, 2014). De acordo com Wiles e Ferrari (2020), por se tratar de filiação, a relação estabelecida entre pais e filhos fundamenta-se por desejos e expectativas anteriores à chegada da criança. Na relação educadora-bebê, é preciso refletir o desejo do exercício da função de cuidado e educação, visto que se estabelece numa dinâmica que envolve trabalho, que apesar de significativa, são outros modos de laços afetivos. Ou seja, nessa relação, há atravessamentos que compõem o lugar social da educação infantil, que é marcado de forma diferente do lugar familiar.

Além da contribuição das educadoras no desenvolvimento do sujeito, discussões a respeito da conduta e da prática dos profissionais dentro do contexto escolar apontam a incidência de um discurso que pressiona, responsabiliza e corrobora com o mal-estar docente (Voltolini, 2018). Isto é, há uma complexidade no contexto da educação infantil pois é um fazer que transpõe tanto o cuidado, como o educacional (Kupfer; Lerner, 2014, Wiles; Ferrari, 2020).

A necessidade de uma intersecção entre ambas as posições pode expor as fragilidades desse encontro. Além disso, esse é atravessado por uma diversidade de questões trabalhistas e institucionais que não são alheias ao lugar social que é atribuído à educação infantil, desde suas origens.

Nesse sentido, de acordo com Martins *et al.* (2014), a responsabilização do cuidado e educação no trabalho com crianças pequenas produz sobrecarga diante das demandas atribuídas às educadoras. A precarização do trabalho, a rotatividade profissional e o desmerecimento de seu trabalho pelo histórico do caráter assistencial e de guarda, além de terem suas funções frequentemente atreladas à figura da babá, podem ser aspectos contribuintes ao mal-estar, pois esse está também relacionado ao modo como os profissionais que atuam na educação infantil são vistos socialmente.

O estudo “Constituição das doenças da docência” realizado com professores da rede municipal da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entre os anos de 2007 e 2009, teve como objetivo compreender os processos de trabalho e suas implicações na saúde dos docentes. Os autores constataram que as profissionais da educação infantil foram as que mais solicitaram afastamento por razões médicas. Entre as principais razões que resultaram nas licenças das profissionais estão os transtornos mentais e comportamentais. Tais fatores são citados como os maiores motivos de adoecimento e que, conseqüentemente, produziram afastamentos do ambiente de trabalho (Vieira *et al.*, 2010).

Vieira *et al.* (2010) também nos convocam a refletir sobre como o redirecionamento dos processos de trabalho docente inspirados pelos modelos de gestão empresarial repercute nas práticas do trabalho com a educação. Para os autores, as novas exigências regidas por uma perspectiva mercadológica prescrevem outros modos de atuação que tensionam a concretização de novos papéis no trabalho com a educação. A contrariedade nos papéis desempenhados pelo educador, somados ao exigente padrão educacional instituído politicamente pela escola, pelos pais e pelo próprio educador, reverberam no modo como eles se relacionam com as crianças.

No entanto, embora Rosa (2022) evidenciar que a pluralidade dos discursos promove diversas possibilidades de significações e simbolizações, para Pereira (2017) as falas que cercam o trabalho do cuidado e educação das crianças tendem a naturalizar o mal-estar resultante dessas atribuições. Uma vez que o discurso social permanece unívoco, passa a ser considerado como uma verdade e carrega consigo interesses políticos e econômicos que buscam a conservação de uma ordem social. Desse modo, é essencial a existência de produções que reflitam sobre o mal-estar docente na especificidade da educação infantil.

Com essa premissa no horizonte, construiu-se o projeto de extensão “Acompanhamento a educadoras de berçário - atuando na interface entre saúde mental e educação”, que tem como intenção produzir interrogantes sobre os desafios da atuação das educadoras, através da sustentação de um espaço de elaboração para as próprias profissionais da escola acompanhada no projeto. Esse artigo é um recorte do andamento do trabalho e pretende debater, especificamente, a metodologia utilizada para a escuta das educadoras. Buscando construir, desse modo, o que há de singularidade no dispositivo das rodas de escuta. Não obstante, é necessário inicialmente delinear alguns pontos do que produz o mal-estar docente no contexto da educação infantil e refletir sobre as formas de atuar frente a tal questão.

Escuta do mal-estar das educadoras

O mal-estar docente, expressão consolidada após intensas pesquisas acerca dos processos de trabalho e do adoecimento de professores, passou a ter relevância após a identificação do considerável número de afastamento de professores por razões médicas, como resultado de diversos fatores que afetam as condições psicológicas e sociais no exercício da docência (Martins *et al.*, 2014). Para Pereira (2017), a incapacidade de fazer valer sua função aparece como queixa recorrente nos discursos dos professores inseridos na educação infantil das escolas públicas no Brasil. As fragilidades da organização escolar e as violências intra e extraescolar podem se transformar em angústias generalizadas que atravessam o exercício da docência em seus diversos contextos de atuação. Além da existência de uma diversidade de outros elementos que contribuem para a ocorrência e/ou intensificação do mal-estar docente, como a falta de valorização profissional, baixos salários, precarização das instituições escolares, entre outros (Kupfer; Lerner, 2014; Martins *et al.*, 2014; Pereira, 2017; Voltolini, 2018).

Apresentada como um afeto e não como um sintoma, Lacan (1962-63/2005) pontua que a inquietude da angústia se dá pelo fato de estar contida na ordem do real e, portanto, não estar inserida na cadeia de significantes. Não é representado, pois há uma impossibilidade de simbolização, portanto, presentifica-se por seu atravessamento pela dimensão do corpo, visto que não se traduz para o campo da linguagem e desempenha uma função importante na constituição subjetiva. De acordo com Pereira, 2017, a angústia das educadoras, frente ao trabalho com crianças, dá lugar ao desamparo e pode aparecer como uma fonte de estagnação, esquivando-se e inibindo-se, com o intuito de não enfrentá-la. Apesar do desamparo se tratar de uma condição originária e fundamental na constituição do sujeito, pode também manifestar-

se perante a angústia da impossibilidade do cuidado com o outro, resultando em experiências de sofrimento individual e mal-estar (Pereira, 2017). É importante pontuar que há uma distinção que deve ser realizada quando o desamparo é citado, pois, no contexto da prática docente, tal afeto pode surgir como produtor de adoecimento e não como um sentimento intrínseco à condição humana. Ou seja, é essencial que o desamparo nesse contexto movimente o debate na intenção de refletir sobre a possibilidade de outros modos de existência dessa prática e não seja naturalizado.

Nessa direção, encontramos diversas pesquisas e propostas de atuação que visam a produção de aberturas nesse contexto. Por exemplo, em seus estudos sobre a importância do trabalho das educadoras no processo constitutivo das crianças, Wiles e Ferrari (2020) nos alertam para a necessidade de espaços de escuta para os educadores que possibilitem, através da circulação da palavra, o compartilhamento dos impasses vivenciados em seu trabalho com as crianças e que possibilitem o compartilhamento e a reflexão sobre suas práticas e angústias frente ao ato de cuidar. Assim, convidam a pensar o cuidado com os educadores utilizando os dispositivos das rodas de conversa ou rodas de escuta (Gianella; Moura, 2009), como possibilidades de intervenção.

Desse modo, ressaltam a importância de uma escuta sensível no âmbito da educação, aproximando a psicanálise a uma experiência do cuidado ao se disponibilizar afetivamente, para além do exercício interpretativo (Wiles; Ferrari, 2020). Portanto, as rodas de escuta podem se apresentar como uma potente ferramenta de apoio para profissionais da educação infantil ao refletir sobre a importância do seu trabalho no cuidado com as crianças, bem como as angústias decorrentes dessa função. Além disso, surgem como um espaço que pretende atuar para a livre circulação da palavra, propondo uma suspensão dos lugares marcados de modo hierarquizado ou de uma formação que visa a transmissão de um saber externo. A aposta das rodas de escuta é que, ancoradas na ética psicanalítica, possam fazer emergir as questões daquele grupo para assim movimentá-lo coletivamente.

Considerando, portanto, o que há de delineamento dessa abordagem teórica, é possível retomar o debate através dos autores Dunker e Thebas (2021). No livro “O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas”, pontuam que a escuta do psicanalista se diferencia de todas as outras por se constituir uma escuta implicada e que busca, através da compreensão dos desvios, ruídos, atos falhos, o que do sujeito emerge a partir desses fenômenos, o que do inconsciente surge quando são proferidas as palavras. O modo como o sujeito é escutado em análise o auxilia a encontrar sentido nessas outras formas de

comunicação, permitindo que escute seu próprio discurso de outro modo. Assim, a escuta implicada não funciona como uma tradução do inconsciente, mas possibilita que efeitos sejam produzidos através da escuta de si mesmo.

É possível estabelecer um paralelo entre as contribuições dos autores a respeito dos efeitos da escuta de si em análise com a escuta de si em contexto grupal, visto que, assim como no *setting*, a transferência surge como operador fundamental para que haja desdobramentos. A respeito dos efeitos de transformação subjetiva no enlace do singular com o grupal, Jasiner (2007) pontua a necessidade do outro para a realização do dispositivo. Nesse sentido, a experiência com grupos “tem o mérito de oferecer um laço social no mundo que trabalha na direção da extinção dele” (Voltolini, 2018, p. 97).

Assim, a escuta - individual ou coletiva - deve ser guiada por uma prática clínico-política, cuja ética permita que surjam demandas invisíveis socialmente, ou, por vezes, normalizadas e silenciadas. Considerando a diferença do que se apresenta ao psicanalista quando inserido nas políticas públicas, a aparente ausência de demanda pela intervenção da psicanálise é substituída por carências materiais (Rosa, 2022), como acontece com os professores. Quando se fala de questões relacionadas à educação, as queixas são voltadas para as péssimas condições de trabalho ou a baixa remuneração salarial, sem considerar questões sociopolíticas que podem envolver o mal-estar docente. Efetivamente, não se trata de apagar os atravessamentos do lugar social ocupado pelas educadoras, mas sim de fazer reverberar essas questões na construção de uma demanda.

Para Dunker e Thebas (2021), a intervenção psicanalítica tem por finalidade dar espaço para a fala do sujeito, de modo que seu discurso ganhe, ao longo da análise, uma potência transformadora e produza efeitos. Ao escreverem sobre a atuação psicanalítica em situações sociais críticas, Jorge e Emília Broide (2020), enfatizam que é dever do analista produzir um lugar de experimentação que possibilite a constituição de um espaço de fala, cujo testemunho permita a emergência do sujeito e sua singularidade, na medida em que é capaz de construir uma narrativa. Nessa direção, os autores argumentam pela existência da escuta psicanalítica em diferentes contextos, ou seja, não restringindo-a ao *setting* do consultório particular, o que nos é caro para pensar as possibilidades de articulação entre a psicanálise, educação e o escuta de grupos.

Tal concepção supõe que a construção de um espaço de fala está ancorada na ética psicanalítica e, portanto, é capaz de transpassar as paredes dos consultórios. Para isso, precisa estar sustentada na “regra fundamental” da associação livre:

Eis, portanto, a única regra da psicanálise. Ela não está do lado do analista, e sim do analisante. Trata-se de uma regra correlata à própria estrutura do campo psicanalítico aberto por Freud. É a associação livre que marca o início da psicanálise e também o início de cada psicanálise - é o ponto em que a análise deve começar. Do lado do analista, afora o preceito da atenção flutuante, não há regras, mas a ética da psicanálise, regida pelo desejo do analista (Quinet, 2016, p. 9).

A resposta por parte do analista está em manter-se entregue a essa fala e afastar-se de suas próprias resistências que podem balizar a escuta (Freud, 1912/2021). Partindo dessas premissas, é possível sustentar um trabalho psicanalítico em diversos contextos, sem apagar a singularidade de cada um.

Nessa direção, a questão que se coloca aqui é uma pergunta sobre como sustentar o espaço para a associação livre no âmbito do projeto de extensão. Isto é, escutar as demandas desse grupo de trabalhadoras da educação infantil considerando as particularidades do contexto e a ética da psicanálise. Nessa direção, a proposta das rodas de escuta surgiu como um dispositivo potente, uma vez que busca a livre circulação da palavra em uma dinâmica coletiva. Na sequência, iremos abordar o que constitui as rodas de escuta e circunscrever os questionamentos produzidos através dessa metodologia.

Rodas de escuta

O termo rodas de escuta foi encontrado no artigo “A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento” (Moura; Giannella, 2016). No escrito, as autoras debatem os modos como a escuta pode assumir variadas roupagens com diversos efeitos. A partir da experiência na gestão participativa, traçam diferentes práticas, pontuando quais formas realmente permitem a emergência da alteridade. Pois as autoras entendem que é apenas dessa forma que se reconhece no outro uma potência e, portanto, há uma escuta efetiva. As pesquisadoras argumentam que, para que a participação tenha efeitos, “[...] é essencial o diálogo e, neste sentido, escutar de forma ativa, sensível e profunda se faz necessário” (p. 10). A partir de algumas experiências, discutem a complexidade do que de fato é uma escuta, o que pode ser facilitado com determinadas práticas.

Nessa direção, descrevem as rodas de escuta enquanto um dispositivo que tem origem nas experiências dos povos originários em uma proposta de deliberação e conselho. As autoras pontuam como a disposição das pessoas em um círculo compõem um elemento importante na direção de uma proposta de suspensão das relações hierárquicas, permitindo que todos estejam

em uma posição similar, o que, conseqüentemente, busca dar equidade de importância à fala de quem participa do espaço. Dessa forma, é possível a existência de um diálogo de modo a fortalecer as relações dos que ali estão (Moura; Giannella, 2016).

É viável articular essas premissas com a ética da psicanálise, enquanto uma posição assumida na tentativa de dar espaço à escuta das particularidades (Dunker; Thebas, 2020). Isto é, a necessidade de uma escuta implicada está na premissa da teoria, o que não ocorre de maneira automática, mas exige uma abertura na relação que permita a ascensão do sujeito. Nessa via, Lacan (1953/1998) diferencia, por exemplo, a fala plena da fala vazia. Esta ocorre quando a verdade do inconsciente ganha espaço no discurso, já a fala vazia é a posição na qual o sujeito não diz de si, dessa forma, o que se arma no horizonte é que não basta a existência da fala para que ocorra o trabalho de uma análise. É, entretanto, necessário que o ato de falar construa uma relação com as particularidades do sujeito e, dessa forma, esteja aberto às ocorrências do inconsciente, isto é, que transponha as barreiras de um discurso já estabelecido.

Nessa via, é possível traçar um paralelo entre a proposição lacaniana e o artigo das autoras Moura e Giannella (2016), citado anteriormente, sobre a escuta. Em ambos está implicado que a existência da transmissão não ocorre de maneira invariável, isto é, tanto o ato de falar e o de escutar têm diferentes camadas que, na medida em que complexificam-se podem permitir a emergência de outras formas de diálogo.

Tendo em vista as premissas expostas, é importante voltar ao escopo desse trabalho: a educação infantil. Nesse sentido, faz-se necessário retomar que há uma multiplicidade de questões que atravessam o ambiente escolar e, conseqüentemente, que afetam os que ali estão inseridos. Em função disso, para a elaboração do projeto de extensão foi preciso investigar modos de sustentar um espaço de escuta para o grupo de educadoras que seria acompanhado. A direção tomada foi o intuito de dar subsídios para a construção de um discurso coletivo das profissionais sobre a complexidade do ambiente escolar e o modo como cada uma é atravessada pelo contexto vivenciado. Ou seja, que o mal-estar docente pudesse emergir, mas que tanto a fala como a escuta tivessem uma dimensão capaz de produzir deslocamentos, não na pretensão de suspender o mal-estar, mas de dar-lhe encaminhamentos.

Para realizar tal intenção, compreendeu-se como essencial que a escuta fosse realizada por psicólogas que estão no percurso do mestrado. Além disso, os encontros foram supervisionados pelas coordenadoras do projeto, momento de debate das questões que apareceram nas rodas de escuta e de pensar a direção da continuidade do trabalho. As mestrandas, portanto, visavam dar subsídios à existência de um espaço para a associação livre,

sustentando, dessa forma, a ética da psicanálise na intervenção. Importante marcar que não há a intenção de dar respostas aos questionamentos das educadoras, como seria em uma dinâmica de formação conteudista. As rodas de escuta têm como proposta visar a abertura de questionamentos frente ao mal-estar docente, por essa prerrogativa, buscou-se um dispositivo no qual o coletivo pudesse se escutar - retomando a importância da alteridade.

Nessa via, vale voltar as proposições sobre a possibilidade de uma escuta psicanalítica ocorrer em um espaço de grupo. Emilia e Jorge Broide (2020) interrogam o lugar do dispositivo grupal, afirmando que tal espaço precisa ir além do fato de ser uma estratégia que atende um maior número de usuários e sirva quantitativamente às instituições, mas que para de fato existir uma função, é necessário que se encontre modos de surgir uma demanda compartilhada.

Nos grupos, o que está em questão é o trabalho centrado em uma tarefa comum - que pode ser o ensino, a supervisão, o sofrimento psíquico, um projeto institucional etc. -, mas há que estar presente a trama coletiva e a possibilidade de fazer emergir a dramática de cada um no espaço compartilhado (Broide; Broide, 2020, p. 51).

Nesse sentido, os psicanalistas propõem que o trabalho grupal seja pensado como um instrumento clínico. Ou seja, que se possa sustentar uma intervenção ancorada em preceitos teóricos e éticos, que visa uma elaboração sobre o que surge no grupo, acrescido da potência que o coletivo é capaz de construir: a experiência de uma alteridade. Além disso, há uma gama de produções sobre experiências coletivas que são sustentadas pela ética da psicanálise, muitas dessas pontuam, inclusive, as potências do que pode surgir nessas propostas (Broide; Broide, 2020).

Efetivamente, o trabalho psicanalítico de grupos constitui uma torção no *setting* tradicional do que foi proposto por Freud, contudo, o autor também teve uma produção sobre a forma como o coletivo atravessa os sujeitos, principalmente, uma leitura da relação do indivíduo com o social. Destaca-se aqui o texto “Psicologia das massas e análise do eu”, no qual Freud (1921/2021) faz uma extensa investigação sobre o papel dos grupos na constituição psíquica, em especial, acentua como as identificações são atravessadas pelo coletivo, isto é, aspectos do social que compõem a forma como os sujeitos se reconhecem.

Adentrando práticas específicas do ambiente escolar, Azevedo *et al.* (2021) descrevem os dispositivos grupais de escuta psicanalítica como fundamentais, cujas identificações e projeções ocorrem na medida em que o sujeito fala sobre si. Para os autores, a coletivização da associação livre possibilita o compartilhamento de vivências que contribuem para a reinserção

do sujeito em seu laço social, uma vez que o dispositivo se constitui como um espaço de partilha e reconhecimento.

É essa intersecção que constitui o objetivo das rodas de escuta propostas no projeto, isto é, a construção de um espaço coletivo que, através da circulação da palavra, permitisse a abertura para novos discursos. Em uma aposta de que as rodas produzissem pontos de identificação entre as educadoras na busca de um saber compartilhado, apresenta-se enquanto uma proposta de construção coletiva que se afasta de uma lógica de uma resposta produzida por um imperativo de um saber externo (Broide; Broide, 2020). Destacando esse objetivo, na sequência, será apresentado a forma como as rodas de escuta aconteceram durante o projeto de extensão.

As rodas de escuta enquanto projeto de extensão

Antes de adentrar na descrição da maneira na qual as rodas de escuta se constituíram, faz-se necessário esclarecer que o projeto de extensão que deu origem a esse escrito desdobrou-se em três tempos. O primeiro momento consistiu na visita das coordenadoras do projeto de extensão à escola. Nesse encontro, assim como numa entrevista inicial, foram ouvidas as demandas da instituição, bem como as expectativas de suas gestoras com a realização do projeto. Nesse contexto, foram esclarecidas as intervenções que seriam realizadas e as combinações necessárias para o tempo seguinte.

O segundo tempo foi o acompanhamento semanal às turmas de berçário I e II, composta por cerca de doze bebês e duas educadoras⁶. O trabalho se deu através da observação dos bebês e sua interação com as educadoras com o objetivo de identificar precocemente possíveis atravessamentos no desenvolvimento e na constituição psíquica dos bebês. Para tal, apostamos no brincar como dispositivo de expressão e experiência criativa, apostando que por meio deste encontro, é possível observar impulsos, desejos e vivências, cujo real, simbólico e imaginário emergem entrelaçados na brincadeira (Ferrari, *et al.*, 2017; Silva, *et al.*, 2021).

O terceiro tempo correspondeu a execução das rodas de escuta com as educadoras. A ideia surgiu a partir de trabalhos anteriores vinculados ao projeto de extensão com acompanhamento de bebês e suas educadoras em turmas de berçário, sob o qual foi identificado a carência da atenção voltada às profissionais e, concomitantemente, considerar a importância fundamental do seu papel no desenvolvimento das crianças ali presentes (Arrosi *et al.*, 2022;

⁶ Tal acompanhamento foi realizado pelos seguintes bolsistas e estudantes de Psicologia: Arthur Patuzzi, Felipe Sant'Ana Vargas, Gabriela Nagel Pinho e Luise Lindermann Kunzler.

Wiles; Ferrari, 2020). Nesse sentido, as rodas de escuta mostraram-se como um dispositivo de circulação da palavra que permitisse que as educadoras associassem livremente a respeito de interrogantes que emergiram em sala, bem como dos questionamentos do trabalho com a educação infantil.

Para esse momento, foi reservado um espaço afastado das demais salas de aula para que as educadoras pudessem se distanciar, do melhor modo possível, considerando a estrutura da instituição, de seus ambientes de trabalho e que proporcionasse a privacidade que as rodas requeriam. Os encontros foram mediados por duas psicólogas mestradas que conduziram as discussões que surgiam e se revezaram na relatoria dos encontros⁷. Cada encontro deu origem à construção de um diário clínico, descrito por Silva *et al.* (2022) como um método de registro que permitiu às mestradas a descrição narrativa das rodas a partir de sua própria experiência.

Com relação à organização do espaço no qual os encontros ocorreram, foram posicionadas diversas cadeiras uma ao lado da outra, formando um grande círculo. As educadoras acomodaram-se sentadas, de modo que as participantes podiam olhar uma para as outras sem obstrução. Esse formato foi pensado para favorecer a fala, a escuta e a observação das cenas que se revelavam a partir de cada relato compartilhado. Mas também na construção de um espaço coletivo que viabilizasse a escuta de si e do outro.

Para o início do primeiro encontro, foi indispensável o esclarecimento acerca da finalidade das rodas de escuta, bem como as razões que despertaram o desejo da realização dessa intervenção. As mediadoras colocaram-se disponíveis para escutar as demandas das educadoras, assim como sugestões para a realização dos encontros. De semelhante modo como ocorre no *setting* analítico, para as rodas de escuta foi elaborado um contrato simbólico, cujas combinações guiaram os encontros seguintes. Neste contrato, foram discutidas questões de sigilo, dias e horários em que as rodas ocorreriam, assim como a importância do respeito à fala do outro. Em razão da rotatividade das educadoras, foi preciso retomar o contrato ao início de alguns encontros, quando identificado que seria a primeira participação de alguma das educadoras. É importante destacar que a participação das profissionais ocorreu de forma voluntária, e que poderiam interromper seu envolvimento a qualquer momento, caso assim desejassem.

Por compor uma intervenção fundamentada pela psicanálise, contou-se com a associação livre das educadoras numa aposta de que emergisse do inconsciente suas demandas,

⁷ As rodas de escuta foram mediadas pelas seguintes psicólogas mestradas: Cândida Prates Dantas e Maria Eduarda Tenório Brito de Oliveira Farias.

repressões e repetições a partir das experiências compartilhadas coletivamente. Para o reconhecimento dessas questões, utilizou-se da atenção flutuante como recurso que sustentasse uma atenção suspensa das mediadoras, de modo a suspender uma inclinação específica do que era falado, promovendo um encontro entre inconscientes (Freud, 1912/2021).

As rodas de escuta ocorreram mensalmente no período julho a dezembro de 2023, no qual foram discutidas desde questões trazidas pelas educadoras relacionadas ao trabalho com crianças, bem como o modo em que o exercício de suas funções reflete em sua vida pessoal. Em uma das rodas, uma professora relata como se sente diante dos desafios de conduzir sozinha as atividades de uma turma agitada composta por 23 crianças. “*Fiquei mal por uns 3 dias, por não me sentir capaz de continuar com a turma*”. Complementa sua fala contando que ao voltar para casa naquele dia decidiu caminhar sozinha, não conseguiu dar atenção às filhas e que se sente desgastada como mãe e educadora.

Entre os temas mais recorrentes levantados pelas educadoras, estavam a precarização das condições de trabalho; a desvalorização do trabalho com a educação infantil; o questionamento de suas próprias capacidades; a sobrecarga do trabalho com a educação e a falta da implicação da família na vida escolar das crianças.

De acordo com os relatos, a falta de reconhecimento das famílias do trabalho das educadoras se dá por entenderem a escola “*como um lugar de guarda*”, semelhante a visão assistencialista na qual fundou-se a educação básica brasileira. Portanto, expõem a presença de marcadores sociais no que diz respeito à diferença do lugar que a escola ocupa para as famílias mais pobres e as famílias de classe média. Nesse sentido, uma professora pontua a distinção afirmando que as famílias de classe média, sobretudo as que mantêm seus filhos em escolas particulares, entendem a escola como lugar de formação que proporciona o cuidado, educação e desenvolvimento das crianças. Mas as famílias mais pobres, enxergam a escola de educação infantil como um lugar seguro para que seus filhos fiquem enquanto trabalham e parecem não perceber a relevância da escola no desenvolvimento infantil. No momento em que tal afirmativa foi enunciada, o restante das educadoras presentes demonstrou concordar, assentindo com palavras e gestos o discurso da colega.

Ao longo das rodas observou-se uma crescente interação entre as educadoras, possibilitando a articulação de estratégias a respeito do modo como conduzir situações específicas do trabalho com crianças e suas famílias. Ao final de cada roda, recebíamos constantemente o retorno das educadoras que, em sua maioria, diziam respeito ao modo como se sentiam ao compartilhar os desafios de seu trabalho. “*A gente se sente aliviada, é bom*

desabafar e falar como a gente se sente porque este ano está sendo muito desafiador". Por vezes, as gestoras da instituição nos traziam indícios do desejo das educadoras pela continuidade das rodas. *"As professoras gostam muito das rodas, sempre perguntam quando virão (se referindo as mediadoras) por aqui (...) Queremos que vocês possam retornar e continuar com a gente no próximo ano"*.

Foram relatos como os citados acima que evidenciaram a efetividade das rodas de escuta como um dispositivo de cuidado e como espaço de formação emancipatória que permite às educadoras o reconhecimento de suas funções no discurso social (Voltolini, 2018). Logo, foi possível identificar a transição das questões levantadas pelas participantes, uma vez que, nas primeiras rodas, solicitavam por respostas prescritivas em relação ao seu fazer, posição discursiva que foi diminuindo e, concomitantemente, passaram a colocar suas questões ao refletir como eram atravessadas pelas vivências em sala de aula e pelos relatos que escutavam nos encontros.

As rodas de escuta parecem ter possibilitado reflexões a respeito do próprio fazer docente, por exemplo, quando discutido sobre os desafios do trabalho com crianças atípicas e a necessidade de contê-las em momentos de crise, uma educadora informa a existência de uma linha tênue entre o que pode, ou não, ser feito no cuidado de crianças e informa que passou a se questionar a respeito dos limites de sua atuação: *"até onde o educador pode ir?"*. É possível refletir que tal questionamento é um momento de abertura, na qual a palavra que circula na roda de escuta proporcionou uma pergunta sobre o próprio fazer, que não leva a uma única resposta, mas pode movimentar o pensamento sobre a implicação de cada um no contexto dessa prática. Outras colegas pontuam que questionamentos semelhantes ocorrem diariamente.

Além disso, através dos relatos das rodas, constatou-se que as educadoras passaram a olhar para as questões e os afetos de si e do outro com alteridade, sugerindo ajudarem-se através de pequenos gestos no dia a dia. *"Como a gente passa o dia todo dentro da sala, a gente acaba não sabendo o que acontece nas salas das colegas e com as rodas percebemos que elas passam por situações semelhantes às nossas. (...) Precisamos exercitar mais a solidariedade, ajudar umas as outras"*, fala uma educadora ao reconhecer a importância de trabalharem coletivamente. Expor tais recortes da experiência das rodas de escuta sustenta a importância do encontro com a alteridade, tanto como um meio de repensar a própria prática, como de dar espaço para atravessamentos que a relação com outro pode produzir, possibilitando assim o deslocamento de alguns afetos.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo debater a experiência de um projeto de extensão realizado em uma escola de educação infantil, especificamente, para refletir sobre a metodologia de rodas de escuta utilizada na intervenção com as educadoras. A escolha por tal dispositivo ocorreu ancorada no artigo “A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento” (Moura; Giannella, 2016). As autoras realizam uma discussão sobre os diferentes modos do ato de escutar e apontam a roda de escuta como uma prática potente para a emergência de relações de alteridade. Isto é, nas quais a escuta ocorre de modo não hierarquizado e, conseqüentemente, em uma abertura para a construção de um saber coletivo.

As proposições sobre as rodas de escuta foram articuladas à teoria psicanalítica para fundamentar a sustentação de um espaço livre para a circulação da palavra, na direção do coletivo elaborar uma demanda comum. Nessa direção, foi importante recorrer a produções teóricas que interrogam os atravessamentos dos diferentes contextos na escuta analítica, ao considerarem como os modos de subjetivação são tocados pelas questões sociopolíticas (Rosa, 2022; Broide; Broide, 2020).

O conjunto desses pontos foram essenciais para que as rodas de escuta pudessem ser realizadas no projeto de extensão. Em especial por comporem os pilares do trabalho, sem apagar os delineamentos que marcam as particularidades da escuta no contexto da educação infantil. As rodas de escuta sustentadas pela ética da psicanálise tiveram o objetivo de ser um espaço para a elaboração do mal-estar docente, sem a pretensão de apagar a complexidade desse fazer.

As rodas mostraram-se como um recurso potente de formação das educadoras, possibilitando o surgimento de interrogantes a respeito do saber docente ao viabilizar mudanças gradativas no exercício dessa fazer. Desse modo, os deslocamentos surgem como efeitos transferenciais do encontro, por ser um dispositivo que trabalha questões do âmbito formativo, profissional e pessoal (Voltolini, 2018). Nesse sentido, as rodas também operaram como um instrumento de cuidado com as educadoras, sobretudo pela construção de laços de alteridade que se estabeleceram a partir dos encontros.

REFERÊNCIAS

- ARROSI, K. E.; FERRARI, A. G.; SILVA, M. R. Mulheres, mães, educadoras: notas sobre (im)possibilidades na transmissão do cuidado. **Educação**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e57/ 1–23, 2022. DOI: 10.5902/1984644455362. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/55362>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- AZEVEDO, A.; ADLER, B. M.; PACHECO, E.; SILVA, A. M. Mal-estar e sofrimento psíquico de jovens: a sociedade do cansaço e os impasses na educação. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI, 14., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEUSP, 2021. Tema: Os nomes da criança: infâncias, alteridade e inclusão. Disponível em: <https://sites.usp.br/lepsi/eventos/>. Acesso em: 06 dez. 2023.
- BROIDE, J.; BROIDE, E. E. **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenção**. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2020.
- DUNKER, C.; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas**. 1. ed. [S. l.]: Paidós, 2021.
- FERRARI, A. G.; FERNANDES, P.; SILVA, M. R.; SCAPINELLO, M. A experiência com a Metodologia IRDI em creches: pré-venir um sujeito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 17–33, jan. 2017. DOI: 10.1590/1415-4714.2017v20n1p17.2
- FERRARI, A. G.; COUTO, M. G.; KESSLER, J. A.; SILVA, M. R. Educadoras na educação infantil: Intersecções do trabalho de educação-cuidado. **Educação**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. e41780, p. 1-12, 2022. DOI: 10.15448/1981-2582.2022.1.41780. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/41780>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In: **Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 137-232. Originalmente publicado em 1921.
- FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 93-106. Originalmente publicado em 1912.
- CARVALHO, M. G. de. **Intersubjetividade e interludicidade na escola de educação infantil: encontros e desencontros entre educadora e bebê**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219395> Acesso em: 17 dez. 2023.
- GNATTA, H. T.; MARCOLINO-GALLI, J.; BALLÃO, C. M. A Função do educador na creche sob a abordagem psicanalítica: Uma revisão integrativa. **Educação**, [S. l.], v. 43, n. 2,

p. e32010, p. 1-9, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.2.32010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/32010>. Acesso em: 22 nov. 2023.

GUIMARÃES, C. M. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81-142, 2017. DOI: 10.5965/1984723818382017081

KUPFER, M. C. M.; LERNER, A. B. C. Retratos do mal-estar contemporâneo na educação infantil. In: VOLTOLINI, R. (org.). **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2014. p. 281-236.

LACAN, J. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1998. p. 238-324. Originalmente publicado em 1953.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Originalmente publicado em 1962/63.

MARTINS, M. F. D.; VIEIRA, J. S.; FEIJÓ, J. R.; BUGS, V. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 281-289, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 out. 2023.

MOURA, M. S. S.; GIANNELLA, V. A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 9–24, 2017. DOI: 10.5216/teri.v6i1.40739. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/40739>. Acesso em: 13 set. 2023

PEREIRA, M. R. De que hoje padecem os professores da Educação Básica? **Educar Em Revista**, [S. l.], n. 64, p. 71–87, 2017. DOI: 10.1590/0104-4060.49815. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/tHSHmjdZKsdbGgnBBkPYyfJ/?lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2023.

QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Zahar. 2016. Originalmente publicado em 1991.

ROSA, M. D. Sofrimento Sociopolítico, Silenciamento e a Clínica Psicanalítica. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], [S. l.], v. 42, E242179, 2022. DOI: 10.1590/1982-3703003242179. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6RKgPXpGHZ8YwHd9PHGGtnf/#>. Acesso em: 05 set. 2023.

SILVA, M. da R.; MEDEIROS, C. B. de.; ARROSI, K. E.; FERRARI, A. G. “Que bom que ele havia estranhado?": Considerações sobre a metodologia IRDI. **Psicologia Escolar E Educacional**, [S. l.], v. 25, e226338, 2021. DOI: 10.1590/2175-35392021226338. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/pPnSZytPCRgnFKszcxbhb9q/?lang=pt>. Acessado em: 11 jan. 2024.

VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A.; MARTINS, M. F. D.; ESLABÃO, L.; SILVA, A. F.; BALINHAS, V. G.; FETTER, C. L. R.; GONÇALVES, V. B. Constituição das doenças da docência. **Cadernos de Educação**, [S. l.], v. 37, p. 303-324, 2010. DOI: 10.15210/caduc.v0i37.1589. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1589>. Acesso em: 16 dez. 2023.

VOLTOLINI, R. O dispositivo grupal. In: VOLTOLINI, R. (org.). **Psicanálise e formação de professores: Antiformação docente**. 1.ed. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 89-108.

WILES, J. M.; FERRARI, A. G. Do cuidado com o bebê ao cuidado com o educador. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S. l.], n. 24, E213976, 2020. DOI: 10.1590/2175-35392020213976. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LwXDz3QBBSCRk6C4zzPtyPv/?lang=pt#>. Acesso em: 23 set. 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaríamos de agradecer aos pesquisadores-extensionistas Arthur Patuzzi, Cândida Prates Dantas, Felipe Sant'Ana Vargas, Gabriela Nagel Pinho, Luise Lindermann Kunzler, Maria Eduarda Tenório Brito de Oliveira Farias, a pesquisadora Luísa Pellegrini Comerlato e as coordenadoras Andréa Gabriela Ferrari, Luciane De Conti, Milena da Rosa Silva e Simone Bicca pelas ricas contribuições que viabilizaram a execução do projeto de extensão que deu origem a este escrito.

Financiamento: Não há financiamento.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não foi necessário a submissão deste escrito ao conselho de ética, visto que durante o projeto e a escrita desta produção foram respeitadas todas as questões éticas necessárias.

Disponibilidade de dados e material: Os materiais seguirão armazenados em lugar seguro a cargo das coordenadoras do projeto.

Contribuições dos autores: A primeira autora atuou diretamente na execução das rodas de escuta, na discussão dos materiais e na escrita dessa produção. À segunda autora coube a escrita, discussão dos dados e orientações para a produção. À terceira autora foi responsável pela discussão dos materiais e orientação para a escrita desta produção.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

